



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

### GT 10 –Informação e Memória

#### OFICINAS INTERGERACIONAIS: SABERES E FAZERES DA EXPERIÊNCIA E SIGNIFICAÇÃO.

#### WORKSHOPS INTERGENERATIONAL: KNOWLEDGE AND MAKE EXPERIENCE AND SIGNIFICATION

Simone Borges Paiva<sup>1</sup>, Edmir Perrotti<sup>2</sup>

**Modalidade da apresentação:** Comunicação Oral

**Resumo:** A presente comunicação versará sobre pesquisa de doutoramento intitulada: *Oficinas Intergeracionais: saberes e fazeres da experiência, mediação e significação*. O trabalho investigou a importância das relações intergeracionais na qualificação de informações e processos de construção de conhecimento. Para tanto, em uma instituição de educação complementar à escola, que atende crianças de 7 a 14 anos, na região de Paraisópolis, na cidade de São Paulo, com quase 100.000 habitantes na região sul da cidade, desenvolveu-se um dispositivo cultural – “Oficinas Intergeracionais”, a partir de biblioteca e em conjunto com os educadores locais. Utilizou-se, como método de trabalho, a pesquisa colaborativa na qual o pesquisador tem a oportunidade de atuar, de modo colaborativo, diretamente no terreno, com a comunidade e com instituições educativas parceiras que ali também atuam. Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas com os segmentos que colaboraram com o trabalho. As “Oficinas Intergeracionais” promoveram e permitiram a emergência e a recriação de uma corrente de saberes e fazeres entre idosos, crianças, jovens, educadores e pesquisadora que apontam para diferentes direções, articulando fluxos informacionais a processos de: a) construção e reconstrução de identidades b) criação de vínculos entre sujeitos de diferentes condições etárias e culturais; c) promoção do sentimento de pertencimento; d) fortalecimento da alteridade e de reconhecimento do outro. A pesquisa comprova que as trocas de saberes e fazeres promovidas pelas Oficinas Intergeracionais constituem-se em caminho promissor para a instauração de novas e necessárias relações entre informação e significação, preservando e valorizando processos essenciais de apropriação e criação de conhecimento e cultura na “era da informação”, marcada por diferentes formas de segmentação que necessitam ser redefinidas e redimensionadas, em face da importância essencial das relações intergeracionais nos processos de significação.

**Palavras-chave:** Oficinas Intergeracionais. Experiência. Dispositivos. Informação. Significação.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Londrina – UEL

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo.

**Abstract:** *This communication is dependent on the research of the phd, entitled: Workshops Intergenerational: knowledge and make experience, mediation and meaning. The work investigated the importance of intergenerational relationships in the training of information and processes of knowledge construction. For both, in an institution of supplementary education to the school, which serves children from 7 to 14 years, in the region of Paraisópolis, in the city of São Paulo, with almost 100,000 inhabitants in the region south of the city has developed a device cultural – Workshops “Intergenerational”, from the library, and in conjunction with the local educators. It was used as a method of working, the collaborative research in which the researcher has the opportunity to act, collaboratively, directly on the ground, with the community and with educational institutions partner that also act. The Workshops “Intergenerational” has promoted and allowed the emergence and the re-creation of a chain of knowledge and change among the elderly, children, young people, educators, and research that point to different directions, coordinating informational flow processes: a) the construction and reconstruction of identities b) the creation of links between the subjects of different conditions, age groups and cultural; c) promotion of the feeling of belonging; (d) strengthening of the otherness and the recognition of the other. The research proves that the exchange of knowledge and making promoted by the Workshops Intergenerational constitute promising path for the establishment of new and necessary relations between information and meaning, preserving and valuing the essential processes of appropriation and creation of knowledge and culture in the “information age”, marked by different forms of targeting that need to be reset and resized, in the face of the essential importance of intergenerational relationships in the processes of signification.*

**Keywords:** *Intergenerational Workshops. Experience. Dispositif. Information. Meaning.*

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo da tese que originou este trabalho foi pesquisar a importância das trocas intergeracionais de experiências na qualificação de processos de intercâmbios de informações e conhecimento. Para tanto, desenvolveu-se um dispositivo educacional e cultural – “Oficinas Intergeracionais” – em Paraisópolis, na cidade de São Paulo, comunidade pobre que faz divisa com o rico bairro do Morumbi, na região sul da cidade. As *Oficinas Intergeracionais*, por nós criadas, são dispositivos de mediação cultural realizados em parceria com o Núcleo de Educação (NE) do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis (PECP). O PECP atende crianças e jovens de 07 a 15 anos, durante um período do dia (manhã ou tarde), no contraturno do ensino regular. Ali, está instalada a “Estação do Conhecimento Einstein/Paraisópolis” (ECE/Paraisópolis), espaço cultural e educativo desenvolvido por meio de um convênio com o COLABORI (Colaboratório de Infoeducação), da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA/USP). A ECE/Paraisópolis atende à comunidade e serve, portanto, de laboratório vivo para pesquisas que têm em comum a questão da apropriação da informação, tomada como processo afirmativo, dinâmico e complexo, tendo em vista o “protagonismo cultural” (PERROTTI, 2008). Nesse sentido, utilizou-se como método de trabalho a pesquisa colaborativa (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007; DESGAGNÉ, 2001). Nessa perspectiva, o pesquisador tem a oportunidade de atuar, de modo colaborativo, diretamente no terreno, com as instituições parceiras do projeto, além de

atuar com a comunidade. As Oficinas intergeracionais colocaram, assim, em relação ativa de troca, idosos, crianças, educadoras, adolescentes e pesquisadora.

Ao analisar os relatos dos diferentes segmentos participantes da pesquisa, encontramos evidências seguras quanto à importância das trocas intergeracionais para o grupo, bem como aspectos educacionais e culturais implicados na qualificação dos processos de construção de conhecimento. *As Oficinas Intergeracionais* promoveram e permitiram a emergência e a recriação de uma corrente de saberes e fazeres entre idosos, crianças, jovens, educadores e pesquisadora que apontam para diferentes direções, articulando fluxos informacionais a processos de: **a) construção e reconstrução de identidades b) criação de vínculos entre sujeitos de diferentes condições etárias e culturais; c) promoção do sentimento de pertencimento; d) fortalecimento da alteridade e de reconhecimento do outro.**

O dispositivo de mediação cultural por nós desenvolvido – as Oficinas Intergeracionais - pode, portanto, propiciar troca de saberes e fazeres intergeracionais fundamentais aos processos culturais de significação da informação, constituindo-se, pois, em caminho promissor para a instauração de novas e promissoras relações entre informação e significação, preservando e valorizando processos essenciais de apropriação e criação de conhecimento e cultura na “era da informação”.

## **2 A EXPERIÊNCIA AUSENTE**

A *experiência*<sup>3</sup> alimenta-se de um espaço comum, em que narrador e ouvinte podem compartilhar suas vidas e seus discursos. De acordo com Gagnebin (1994), no passado a que se refere Benjamin, o compartilhamento das *experiências* ocorria no espaço doméstico e nos espaços de trabalho, como as oficinas artesanais, em que se respeitava o tempo necessário para o processo natural de maturação, quer dos produtos, quer dos discursos dos sujeitos envolvidos com as práticas laborais. Não se tratava, portanto, de uma forma de trabalho pautada nem pela métrica do tempo de produção industrial, nem pela fragmentação topográfica que o novo modo de produção instituirá. A noção de tempo e espaço do trabalho modifica-se, pois impõe um isolamento, uma descontinuidade temporal e espacial aos sujeitos, capaz de provocar desorientação e submetê-los à solidão das casas, da vida privada descolada da *polis*, do tempo racional e ligeiro da produção industrial, como nos mostrou o Chaplin dos *Tempos modernos*.

Conforme argumenta Gagnebin, Benjamin demonstra que a *experiência* (*Erfahrung*) cede lugar para a hegemonia da *vivência* (*Erlebnis*), pois à medida que o desenvolvimento do

---

<sup>3</sup> No presente texto, a palavra *experiência* aparecerá com destaque em itálico, pois expressa o conceito investigado por Walter Benjamin em seus textos.

modo de produção altera-se, com o advento da modernidade capitalista, também a noção de tempo modifica-se. De acordo com Rouanet (1992, p.111), na modernidade “[...] todas as energias psíquicas têm que se concentrar na consciência imediata, para interceptar os choques da vida quotidiana, o que envolve o empobrecimento de outras instâncias como a memória.” Diante disso, a única *experiência* possível para o sujeito solitário seria a *vivência* (*Erlebnis*), construída, segundo Rouanet (1992, p.111, grifo nosso), a partir da percepção, único “[...] órgão capaz de interceptar os choques da modernidade”, pois o herói da multidão “[...] é mais capaz de perceber que de lembrar, é mais sensível ao descontínuo da vivência que à continuidade da *experiência*.”

Nesses termos, a *vivência* (*Erlebnis*) pode ser entendida como fruto do choque entre percepção e memória, pois a segunda implica necessariamente construção, elaboração simbólica, e a primeira refere-se a um organismo que deve estar preparado para agir e reagir a todo instante, ou seja, sempre alerta e afeito aos estímulos que o rodeiam e trazem apelos. O “herói moderno” (ROUANET, 1992) está, portanto, em um fluxo constante de estímulos velozes que o distanciam da memória em suas múltiplas manifestações, condição que o expõe aos riscos do esquecimento compulsório e que, segundo alguns autores, configuraria um quadro grave de amnésia social e individual.

O que aparentemente poderia ser entendido como um cenário desolador contém, todavia, germens de redenção, pois, segundo Gagnebin (1994, p.19, grifo do autor), inspirada por Benjamin: “[...] o desmoronamento da tradição termina sendo, por fim, o único lugar de uma retomada inventiva da origem ‘perdida’: uma invenção que nada na história garante, mas que tudo chama a realizar-se.”

Neste ponto, entre a desconstrução e a redescoberta é que encontramos o ensaio benjaminiano chave: *O Narrador*. Nele, Benjamin (1994, p.37) se propõe a entender quem era essa figura capaz de inserir a narrativa em um contexto atemporal, que revela o valor da memória a partir “[...] do tecido da sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência.” A partir do estudo de narradores clássicos, Benjamin destaca o inusitado na tarefa da narração, que seria a transformação daquilo que é comum em extraordinário, com tudo isso enriquecido pela *experiência*. O evento, independente da sua magnitude, “[...] tornava-se a partícula em torno da qual a *experiência* adensava, como uma pérola, a própria autoridade.” (AGAMBEN, 2008, p.23, grifo nosso)

Assim, a atividade narradora, tratada por Benjamin à luz de Leskov, traz em si as marcas de uma vida lembrada (*Erfahrung*) e de uma vida experimentada (*Erlebnis*). O indivíduo “experiente” é aquele que rememora e que teceu sua história ao longo do tempo,

entrecruzando vivências e *experiências*, cuja memória está apoiada sobre o “passado vivido” e o “passado narrado”. Em contrapartida, o herói moderno necessita reinventar-se e redescobrir-se a todo instante e, para isso, ele conta com a “informação”, pois já não haveria tempo nem espaço para a “formação”. Ao problematizar as relações entre a tradição, entendida como sendo algo recuado no tempo, e a informação, aquilo que se apresentava de imediato, Benjamin ressalta que

O saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes que a informação sobre acontecimentos próximos. O saber, que vinha de longe - do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição -, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela *experiência*. Mas a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível "em si e para si". Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam freqüentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. (BENJAMIN, 1994, p.200)

Assim, podemos observar que, de acordo com Benjamin, a informação constitui-se a partir do seu caráter de novidade, no imediatismo pelo qual é vinculada e seu sentido precisa ser completo. Ela estaria encerrada em si e necessitaria ser aceitável, coerente, “plausível”.

A informação, ainda segundo Benjamin (1994, p.201), mantém um laço com a novidade, pois “[...] a informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele.” A informação é tão perecível quanto tudo o que se produz no conjunto da modernidade, como bem lembra Witte (1992, p.07): “[...] na modernidade o processo de perecimento está incluído no processo de produção tornando impossível o agir criativo.” Há, portanto, um perecer que é parte constituinte do processo de produção, o que compromete a ação criativa em tempos onde a mesma se faz tão necessária.

Todo o processo de aceleração, evidenciado pela informação, não influenciou apenas o campo da comunicação e das artes, substituindo o “narrador” pelo romancista. Sob o ponto de vista político, também é possível observar os vínculos entre informação e dominação a partir de uma chamada “lógica da corrida”, conceito tratado de forma ampla na bibliografia de Paul Virilio.

Em *Velocidade e Política*, Virilio trata dos desatinos da rapidez e da velocidade, elevadas a categorias que tudo comandam, ou seja, de uma sociedade cujo controle está baseado na regulação/aceleração do tempo. Assim, Virilio (1996, p.13) entende que “Guerra e política não são travadas pelo controle e ocupação do espaço, mas pelo domínio do e no tempo”, permitido pelas modernas tecnologias de informação e comunicação, conectadas à

política. Desse modo, ainda segundo o autor, a velocidade vai “[...] se firmando como ideia pura e sem conteúdo, como puro valor”, que encontra na tecnologia o seu suporte de vinculação, afetando sobremaneira a dimensão política transformada em “*esperança do ocidente*”. Da mesma forma que, para a massa proletária, significa “[...] desenraizamento, destruição do habitar, privação de identidade, exclusão, perda da alma, do movimento.”

As tecnologias da informação e da comunicação teriam um papel essencial no quadro apresentado por Virilio:

Para mim a cultura hoje é essencialmente técnica, e isso desde o invento da fotografia, do cinema e mesmo da aviação. Todo o meu trabalho consiste em revelar o que a técnica, inclusive as armas de guerra, contém de cultura futura. (VIRILIO, 1987, p.29)

Nesse ponto, as reflexões de Virilio encontram-se com as *benjaminianas*: as inovações de nossa época estão ligadas a antigos objetivos políticos de dominação e conquista, resultando, assim, não apenas em ferramentas para guerras objetivas com o intuito de tomar posse de territórios e riquezas materiais, mas também em guerras subjetivas, simbólicas, condição de dominação e hegemonia política. Em outras palavras, política e cultura, mediadas pelo poder das tecnologias de informação, encontrar-se-iam em um lugar que não hesitaria em semear aquilo que, segundo Virilio (1996), pode ser nomeado como “estratégia de decepção”.

Seguindo o raciocínio dos autores mencionados, temos, portanto, uma situação em que informação e memória não apenas se antagonizam, como também cada uma delas muda de face e função no jogo social, isto é, esvaziam-se daquilo que lhes é inerente e comum: a participação ativa, afirmativa e complementar nos territórios da significação.

Cabe, assim, interrogarmo-nos sobre a problemática dos dispositivos culturais, seus limites e possibilidades, pois as lutas pelas significações ganham corpo e espaço no cenário social com eles e a partir deles.

## **2.2 Experiência e dispositivos**

Em suas reflexões sobre o conceito de *experiência (Erfahrung)*, Benjamin não deixa de notar que esta necessita de um conjunto de condições ou disposições para sua socialização, transmissão e comunicação na perspectiva do narrador, e também assimilação e/ou apropriação na perspectiva do ouvinte. Retomando colocações do autor, Gagnebin (1994) lembra, como colocado anteriormente, que tais espaços eram oriundos de uma organização social comunitária, tendo no artesanato o seu elemento principal.

Desta forma, a autora chama a atenção para várias mudanças implicadas na crise dos narradores apontada por Benjamim: a) a proximidade dá lugar a um distanciamento entre os sujeitos, pois narrador e ouvinte necessitam de um **contexto comum**, o que pressupõe uma comunidade de vida, de discurso, de ouvintes e de narradores, fundamental para os **processos de assimilação e apropriação** das experiências; b) as comunidades de vida, de discurso, de ouvintes tinham no **trabalho artesanal** o meio de subsistência material e cultural, o seu elemento estruturador. O processo de produção artesanal assemelha-se ao processo de formação dos sujeitos pela experiência, ou seja, está inserido e é processual, como construção diluída no tempo. **A temporalidade do trabalho** artesanal é de uma ordem integradora na qual o contar ainda era permitido. Os modernos processos de produção promoveram uma ruptura com tal temporalidade, introduzindo um modelo fragmentado e em cadeia. Há, portanto, um afrouxamento entre palavra e vida, uma crise da *palavramundo* freireana; c) as comunidades guiadas pela *experiência* têm como característica principal um tipo de narrativa de ordem prática, contextualizada, e quem narra insere sua narrativa na dimensão do outro, reelaborando aquilo que narrou de modo a ser apropriado pelo outro. Com a diluição dos espaços narrativos, há um distanciamento entre narrador e ouvinte e rompe-se o contexto narrativo compartilhado.

A partir de tais elementos, percebemos que as chamadas condições ou disposições são de ordem espacial, temporal, simbólica, pragmática, e que a manutenção da *experiência* depende de uma rede de elementos de ordem material e simbólica que, juntos, dão sustentação à sua realização. Vemos, portanto, no arranjo de tais elementos, uma aproximação entre as condições para a realização da *experiência* e o conceito de *dispositivo* apresentado por Jeanneret (2005).

Nesse sentido, o termo *dispositivo* refere-se à ação de dispor, arranjar, combinar e, especialmente nos domínios da informação da comunicação, pressupõe “[...] uma organização, repousa sobre recursos materiais, engaja saberes-fazeres técnicos, define quadros para a intervenção e a expressão”<sup>4</sup>. A noção de dispositivo traz em si a ideia que a ferramenta de comunicação não é neutra e, nesse aspecto, opõe-se às noções de “suporte” ou de “canal”.

O dispositivo é uma instância que arranja, dispõe, combina, articula e que não é neutra. Considerando essa não neutralidade, Perrotti e Pieruccini (2007, p.81) investigam, por exemplo, as relações entre os dispositivos e os processos de apropriação simbólica,

---

4 “[...] suppose une organisation, repose sur des ressources matérielles, engage des savoir-faire techniques, définit des cadres pour l’intervention et l’expression.”(JEANNERET, 2005, p.3, tradução nossa)

concluindo que “[...] os dispositivos não funcionam apenas; eles significam”. Portanto, incorporando as reflexões produzidas por Jeanneret (2005), Perrotti e Pieruccini (2007), retomaremos a leitura dos textos “Experiência e Pobreza” e “O Narrador”, para, desta vez, elucidar os arranjos, combinações e articulações que dão sustentação à *experiência* no sentido de identificar, mais que a crise da *experiência*, a crise nos dispositivos que possibilitam sua emergência e existência social.

Benjamin (1971, p.111) destaca que a transmissão da *experiência* e de “todo conhecimento filosófico tem sua única expressão na linguagem e não em fórmulas e números.” Compreendemos que a experiência tem uma dimensão linguística e seus modos de enunciação vinculam-se aos processos de assimilação/apropriação simbólica. A linguagem desempenha, portanto, um papel fundamental e assume, por vezes, um tom benevolente; por vezes, um tom ameaçador, envolvendo sujeitos de diferentes contextos e idades, tanto “[...] de forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios (como) de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias narrativas de países longínquos, diante da lareira contadas a pais e netos.” (BENJAMIN, 1994, p.114)

Temos, assim, expressões das narrativas com autoridade ou com loquacidade, representadas em provérbios ou em contações de história, socializadas e sendo apropriadas a partir das possibilidades de cada um. A *experiência*, como uma elaboração da linguagem, tem uma dimensão utilitária, que faz uso de um ensinamento moral, de sugestões práticas, de provérbios ou de normas de vida para sua transmissão. É, portanto, um signo capaz de promover intervenções sobre a realidade dos sujeitos, sendo que tal intervenção instaura uma dependência entre aquele que narra e aquele que ouve, na medida em que o propósito não é responder a perguntas, mas, sim, abrir possibilidades para diferentes significados e significações que aquela palavra, aquele signo, terá ao longo de uma vida. Como diz Benjamin, a “palavra única” acompanha o processo de amadurecimento dos sujeitos aos quais ela se vincula.

Benjamin destaca, portanto, não apenas os recursos da colocação da voz e as formas para elaboração das experiências, em provérbios ou narrativas eloquentes, mas também apresenta o lugar, o espaço ao redor da lareira, como instância discursiva fundamental. Compreendemos que estar diante da lareira indica um lugar para o compartilhamento, reunião de sujeitos para buscar o aquecimento do corpo e do espírito. Ainda no texto “Experiência e Pobreza”, Benjamin fala sobre os espaços de ausência da experiência, estruturados com vidro e tomados por objetos que deveriam dizer algo sobre aquele que os possuem, mas nada dizem. Nos espaços das casas, dominadas pelo uso privado desvinculado do público, prevalece o

silêncio e a solitude dos sujeitos que, após longas jornadas de trabalho, retornam ao lar sem nada dizer.

Contra a frieza e a solitude da residência na modernidade, há o quarto descrito em uma fábula sobre um velho e seus filhos:

(havia um) velho que, em seu leito de morte, revela a seus filhos a existência de um tesouro escondido em sua vinha. Eles só precisariam cavar. E cavaram, mas nem sombra do tesouro. Com a chegada do outono, porém, a vinha produz como nenhuma outra em toda a região. Só então eles percebem que o pai lhes havia legado uma experiência: a bênção não se esconde no ouro, mas no trabalho. (BENJAMIN, 1994, p.116)

O texto é retomado em “O Narrador”, que nos fornece maiores detalhes sobre os contextos de transmissão daquela palavra, em que nos diz o autor “Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível.” (BENJAMIN, 1994, p.207). No quarto que recebe o agonizante e os seus, percebemos novamente uma dimensão espacial, o lugar como um elemento de suporte não só para a transmissão da experiência. Também percebemos a importância do sujeito, neste caso, um velho, que profere suas palavras finais e, ainda, segundo o autor, “[...] o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor.” (BENJAMIN, 1994, p.207). O lugar reúne os sujeitos, as palavras proferidas com a autoridade daquele que as viveu e os ouvintes que, com aquelas palavras, terão a oportunidade de dar continuidade ao legado recebido.

Se as experiências eram socializadas no âmbito familiar, eram também em outros espaços, como as oficinas dos artesãos. Estas, no sistema corporativo medieval, reuniam mestres e aprendizes, portadores de diferentes saberes e fazeres. Dessa forma, camponeses sedentários, marinheiros e comerciantes reuniam-se em um mesmo ambiente de trabalho e trocavam histórias que associavam “[...] o saber das terras distantes, trazido para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo saber sedentário.” (BENJAMIN, 1994, p.199). Daí que “[...] se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram.” (BENJAMIN, 1994, p.194).

As residências e as oficinas, com seus diferentes ambientes, são, nesse sentido, ambientes relacionais que promoviam as chamadas comunidades dos ouvintes, necessárias para os processos de transmissão e de apropriação da *experiência*. Em tais comunidades, as histórias podiam ser contadas, recontadas e contadas mais uma vez, permitindo aquele que

conta e aquele que ouve o esquecimento de si, com o favorecimento dos processos de memorização das histórias.

A reunião dos sujeitos nas comunidades de ouvintes tinha, nos ambientes de trabalho artesanal, a possibilidade de construção de significação, um processo constante de tecer e (re) tecer, vinculando os sujeitos a um núcleo comum, uma palavra comum, uma comunidade de fazeres e sentidos. Compreendendo as “comunidades de ouvintes” como dispositivos, percebemos que eles atuavam no sentido de permitir as trocas das experiências entre os sujeitos, o que possibilitava, por meio dessas trocas, a vinculação do patrimônio cultural ao grupo.

### 2.3 Dispositivos culturais: uma perspectiva dialógica

Diante da complexidade própria da contemporaneidade, a problemática especial dos dispositivos informacionais entra em cena nos quadros dos debates científicos e culturais, uma vez que, como nos mostram vários estudiosos, de Foucault a Peraya, Jeanneret, Perrotti, Pieruccini e outros, além de objetivar e dar concretude aos fenômenos simbólicos, os dispositivos organizam, instituem, prescrevem, significam, apresentando-se não como organismos amorfos, funcionais ou ferramentas, mas como categoria estruturante dos processos discursivos. Desta maneira, os dispositivos de informação e cultura são instâncias que viabilizam não apenas a objetivação das informações em suas diferentes facetas de produção, distribuição e recepção, mas também agregam valor à informação e à cultura. Em outras palavras, formam uma categoria constitutiva dos processos de significação, produzindo sentidos com seus modos de ser e de atuar, pois são discursos. Nesse aspecto, é fundamental ao escopo deste trabalho aprofundar a discussão de tal conceito, já que partimos do pressuposto de que todo processo de informação implica dispositivos e suas lógicas.

Peraya (1999) entende os dispositivos de informação como um conjunto complexo, dinâmico e articulado, envolvendo elementos de diferentes ordens: técnicas, semióticas e pragmáticas. Daí falar em dispositivos “tecno-semio-pragmáticos”. Todavia, se estes, em sua variedade contemporânea, viabilizam processos informacionais múltiplos, possibilitam invenções, ao mesmo tempo que também as delimitam e limitam, apresentando, assim, uma natureza ambivalente, com uma dimensão intrinsecamente pedagógica. Os dispositivos, diz Peraya, informam e formam, formatando tanto nosso corpo físico como simbólico.

Tal formatação, entretanto, não é unilateral e independente, seja da produção e dos produtos, seja dos modos e contextos de distribuição e de recepção. Daí, a importância da

dimensão pragmática (ou relacional), ou seja, dos lugares reservados e ocupados pelos sujeitos que atuam *com e nos* dispositivos e são por eles “atuados”.

Em face disso, cabe interrogar os fenômenos informacionais a partir da dimensão complexa, aberta e carregada de contradições e ambivalências dos dispositivos, mas, ao mesmo tempo, objetiva e plena de possibilidades. Suas configurações não seriam algo “dado e acabado”, mas, apesar das intencionalidades que possam revelar, definem-se na dimensão pragmática, resultando de um conjunto de elementos dinâmicos e atuantes nos destinos dos processos ali objetivados. Um exemplo seria a velocidade das modernas tecnologias de informação e comunicação que conviveriam na cultura com formas que resistem a tal tendência hegemônica do “cada vez mais acelerado” e que podem constituir-se em contraponto, em ponto de tensão e reequilíbrio na economia dos signos.

Dessa forma, se paulatinamente os diferentes aspectos da funcionalidade dos fluxos informacionais têm ganhado não só relevância, mas também primazia sobre aspectos “não funcionais”, relacionados, por exemplo, à criação de conhecimento e cultura, talvez não seja impossível atuar sobre essa dissonância, em um movimento de desconstrução e reconstrução de dispositivos culturais, bem como das relações mantidas entre eles.

Pensar, portanto, os dispositivos de informação e cultura, seus elementos constitutivos, suas dinâmicas e relações, parece ser um caminho promissor para contribuir positivamente nas discussões - e nas práticas socioculturais - sobre o vazio de sentidos, a crise de significações que, paradoxalmente, estaria acometendo a “era da informação”. Com isso, talvez, o termo “crise” possa ser tomado no sentido *arendtiano e benjaminiano*, lembrado por Gagnebin como “o único lugar de uma retomada inventiva da origem perdida.”

### **3 METODOLOGIA E RESULTADOS**

Seguindo os objetivos estabelecidos para a presente investigação, adotamos princípios metodológicos adequados à promoção das trocas intergeracionais e aos processos de qualificação do conhecimento e da cultura. Assim, a pesquisa colaborativa (PERROTTI; PIERUCCINI, 2007), tal como tem sido compreendida e desenvolvida em trabalhos no âmbito do COLABORI – Colaboratório de Infoeducação, da ECA/USP, foi instituída como método de trabalho. Segundo essa perspectiva, pesquisar significa trabalho construído em conjunto, partilha em torno de objetos comuns – no caso, a criação e o desenvolvimento de

dispositivos dialógicos intergeracionais – e, por outro lado, significa o reconhecimento das diferenças e especificidades quanto aos objetivos científicos do pesquisador e aos objetivos de ação sociocultural do terreno. A colaboração aparece como metodologia que, ao permitir o compartilhamento em torno de um mesmo objeto, permite também a diferenciação de objetivos.

Tendo em vista o objetivo da tese que originou este trabalho e que procurou a importância das trocas intergeracionais de experiências na qualificação de processos de construção de conhecimento e cultura na contemporaneidade, desenvolveu-se um dispositivo educacional e cultural - a *Oficina intergeracional* - em uma instituição que atende crianças e jovens na comunidade de Paraisópolis, situada na região sul da cidade de São Paulo.

Ao seguir os princípios da metodologia colaborativa, este trabalho buscou compreender questões teóricas em relação direta de colaboração do pesquisador com o terreno e os sujeitos que o habitam. Das trocas de saberes e fazeres comuns e diferenciados, nascem, segundo essa perspectiva, novos saberes, ou seja, uma condição que demonstra um modo específico de produção científica e, ao mesmo tempo, de produção de saberes da ação. Nesse sentido, a tese associa-se ao conjunto de valores defendidos por Nicolescu (et al., 1999) quando diz que “Precisamos de uma pesquisa transdisciplinar paciente e de uma ação transdisciplinar rápida.”. A paciência está em articular as demandas científicas, os seus saberes e fazeres, com os saberes e fazeres locais. Assim, o processo de parceria estabelecido por nós com o terreno construiu-se no caminho, ou como diz Nicolescu (et al., 1999), construiu-se o “caminho ao andar”, uma vez que “[...]o homem é feito daquilo que ele faz.” Os sujeitos são desafiados a compreender a prática a partir de um outro pressuposto, pensando e repensando uma nova práxis como “ação reflexiva e reflexão ativa.”

Desta maneira, concebemos os sujeitos não como objetos de pesquisa, mas, sim, como protagonistas (Perrotti; Pieruccini, 2007), criadores de conhecimento e cultura gerados a partir de repertórios pessoais ancorados à dimensão pública da polis e em interação com ela, assim como nos aponta Vigotski (2000). Eles, portanto, podem atuar em relações e interlocuções ativas com o pesquisador, rompendo com o dualismo entre os saberes e os fazeres do cotidiano e os saberes e fazeres científicos. A metodologia colaborativa busca, nesse sentido, superar, também, o dualismo entre teoria e prática, ao propiciar espaços discursivos e práticos abertos às pluralidades e que, ao mesmo tempo, reconhecem as especificidades inerentes a cada um dos campos.

Diante disso, reúnem-se na pesquisa colaborativa tanto as atividades com o terreno, como também a pesquisa teórica e as suas formas específicas de construção de

conhecimentos. Do dinamismo entre ambas as categorias, emergem novos conhecimentos teóricos e práticos, compreendidos como categorias dinâmicas, em processo constante de elaboração e reelaboração em função da tensão irreduzível existente entre teoria e prática.

Assim, foram adotados os seguintes procedimentos de pesquisa:

- Levantamento e conhecimento de fontes informacionais sobre a comunidade e sobre a temática de pesquisa;
- Aproximação com o Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis;
- Reconhecimento do terreno;
- Período para observação das atividades no Núcleo de Educação Cidadã e na Estação do Conhecimento Einstein;
- Visita à residência dos idosos;
- Preparação do PECP para o projeto;
- Oficinas intergeracionais.

O parceiro local deste trabalho constitui-se no Programa Einstein de Paraisópolis, por meio de seu Centro de Promoção e Atenção à Saúde (CPAS), estruturado a partir do *Núcleo Educação* que apresenta três diferentes propostas de estímulo, de forma a despertar e a ampliar as habilidades de crianças e jovens para a vida comunitária, oferecendo:

- **Programa Educação Cidadã** - Espaço para o exercício da cidadania e construção de prática que promova a reflexão sobre a vida em sociedade.
  - Grupos: 07 a 08 anos Manhã e Tarde – Equipe: Educadora, Educadora Assistente e Voluntários;
  - Grupo : 09 a 11 anos Manhã e Tarde - Equipe: Educadora, Educadora Assistente e Voluntários;
  - Grupo: 12 a 15 anos Manhã e Tarde - Equipe: Educadora, Educadora Assistente e Voluntários.
- **Programa Brinquedoteca** - Espaço lúdico onde o direito do brincar é garantido, valorizando a liberdade, a cooperação nos relacionamentos interpessoais e a vivência das sensibilidades corporais e afetivas;
- **Programa Estação do Conhecimento** - A Estação do Conhecimento Einstein (ECE) se traduz em um novo conceito de ambiente de informação, educação e cultura. Utilizando diferentes recursos como livros, vídeos e CDs, entre outros recursos eletrônicos, propicia a participação efetiva do sujeito no processo de apropriação da informação e da construção do conhecimento. Foi criada e se desenvolve em cooperação com o COLABORI/ECA/USP.

Os protagonistas relacionados a esta pesquisa foram os educandos atendidos pelo Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis, com idade entre 07 e 15 anos; a equipe de

profissionais que atuam no PECP; e, por fim, os idosos residentes na comunidade de Paraisópolis.

Para fins de levantamento de dados, foram utilizados procedimentos que nos permitiram coletar e registrar não apenas as narrativas dos protagonistas, mas também suas reflexões e pontos de vista. O material coletado por registro em áudio, vídeo e imagens foi devidamente tratado e compartilhado com os grupos para auxiliar no processo de construção dos itens exibidos na Mostra Cultural.

Para investigar o sentido das trocas intergeracionais junto aos diferentes segmentos da pesquisa, optamos por instrumentos e formatos específicos capazes de apreender os significados construídos pelos grupos em suas trocas ao longo do projeto. Assim, utilizamos:

- Grupo focal: Aplicado com a equipe de educadoras do Núcleo de Educação, junto aos seus respectivos grupos;
- Entrevista semiestruturada: realizada pela pesquisadora com as educadoras do Núcleo Educação;
- Entrevista coletiva semiestruturada: realizada pela pesquisadora com idosos residentes na comunidade de Paraisópolis;
- Entrevista para discussão dos significados do projeto

Os trabalhos tiveram início a partir de dezembro de 2012, com visitas iniciais à comunidade, e a conclusão desta etapa ocorreu em setembro de 2013, culminando na Mostra Cultural.

### **3.1 Resultados: apresentação e discussão**

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. “Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo.” Pois 'fatos' nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. (BENJAMIN)

Seguindo as referências de Benjamin (1987), em *Escavando e Recordando*, procederemos, nesta parte, à “escavação de narrativas” que os participantes das oficinas intergeracionais de Paraisópolis ofereceram em diferentes momentos de sua realização. Como diz o próprio Benjamin, “é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura.” (BENJAMIN, 1987, p.239).

Nossa escavação percorre, assim, um mapa temático que as próprias narrativas nos ofereceram em percursos “cautelosos e tateantes na terra escura” dos relatos dos participantes,

ao longo da construção e do desenvolvimento das oficinas intergeracionais. Com isso, pretendemos “assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho”, ou seja, imagens que “ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio.”

### ***3.1.1 Saberes e fazeres de Paraisópolis***

Crianças, adolescentes, idosos da comunidade, educadores, ou seja, todos os diferentes segmentos participantes do projeto manifestaram interesse e referem-se à importância do processo vivido. Múltiplas manifestações apontaram nessa direção:

Educanda T.: Foi boa, porque a gente foi aprendendo o passado deles.

Educanda E.: Eu acho que foi legal. Foi muito legal aprender com os idosos.

Educanda I.: Foi muito bom participar (...), porque é bom relembrar o passado de outras pessoas.

Educando F.: Foi legal (...), porque a gente aprendeu coisas novas e eu ainda quero participar outra vez.

Da mesma forma que os educandos, os idosos se referem, sob múltiplas formas, à importância das experiências vividas:

Seu S.: Mas pra mim foi uma grande experiência que eu tive com essas crianças aqui. Eu gosto desse trabalho, eu acho que vocês estão de parabéns pelo trabalho que fizeram, com a paciência que têm. Foi muito emocionante, gostei muito daquele trabalho. Se fosse para repetir, eu repetia tudo de novo.

Dona M.: A experiência com os adolescentes foi bem, só que tem horas que eles falam muito. É que começou a falar muito eu fico de cabeça ruim. Eu gosto de um pouquinho mais do silêncio.

Seu S.: Eu penso assim, às vezes eu não ajudo muito, mas eu sei que as crianças precisa de ajuda. Eu me acho na obrigação de estar aqui. Às vezes, eu não sei se estou ajudando muito, sabe, mas eu sinto necessidade de ajudar.

Seu F.: Sempre foi muito bom, porque é uma morada no Paraíso, e as conversas com a criança foi muito bom. Ah, foi muito boa, pois as crianças são muito inteligentes. São muito obedientes. Às vezes nós ensinamos algumas coisa, mas também aprendemos com eles. Porque na minha idade, o único tempo que eu tinha de estudar, eu ia lavar roupa de neném de noite, porque nem luz eu tinha, era na base do querosene, água de poço. A única coisa que eu nunca fiz na vida foi trocar um neném de cocô, mas eu lavava as fraldas, não existia fralda descartável. E não podia comprar outra, aquela que sujava não podia jogar fora, não.

Dona Q.: Pra mim, o que foi o mais bonito de tudo foram meus filhos, quando eles chegaram no CEU (na Mostra). Nossa, foi muita emoção. Foi emocionante demais. Eles ficaram muito orgulhosos, muitos felizes, porque eles também foram criados na comunidade e aí quando eles viram, na

verdade ficou como uma homenagem para mim, e quando eles chegaram lá, eles tiraram foto. O pessoal do trabalho também tirou foto. Foi muito bom, muito bom mesmo.

Dona Q.: Eu tinha vontade de escrever um livro e eu tinha ele lá meio que rabiscado, porque você começa a ler um livro sobre a história de sua vida, a história vai mandando em você. Você vai lá e apaga uma coisa, e foi difícil para terminar esse livro. Eu sempre estava numa batalha. E aí depois que eu vim, que eu falei, não sei o quê. Isso foi me deixando mais forte, com mais vontade de fazer. E aí eu comecei a buscar uma parceria com uma editora para fazer esse livro e eu consegui, graças a Deus. E aí vai sair no final do ano e aí eu vou trazer aqui para lançar, o nome é: Valeu a pena! Isso mexeu com a minha autoestima. Eu fui vendo que eu posso que eu sou capaz, que vale a pena, foi muito bom.

As educadoras, como os idosos, também forneceram evidências sobre a importância das trocas intergeracionais, seja para as crianças, para os idosos ou para elas próprias:

Educadora C.: A cada dia que a gente chegava contando alguma coisa da proposta eles recebiam bem, estavam motivados para fazer, não teve resistência, não é G? (...)

Educadora A.: Eu aprendi muito, acho que eu tenho que dizer que eu aprendi muito. Foram muitos desafios. [...] assim, tinha coisa que era inesperada, eu tinha que pensar naquele exato momento, de que de alguma forma eu tinha que sair daquela situação, então eu hoje tenho outra visão, até de estratégias, você aprende. Esses desafios fazem com que você aprenda, então esses desafios são a oportunidade de você rever e aprender. Pra mim foi isso, foi um aprendizado. Aprendi a andar com a comunidade ao visitar aos idosos. Vi que muitas histórias são parecidas, depois com a chegada dos outros idosos, vi que essas histórias se encontram, e a história das crianças, às vezes, se encontram com as deles. E eu penso mais nessa parte.

Educadora S.: Eu acho que foi positivo. Eles saíram com boas reflexões e aí, até olhando aqui (no registro da agenda), no dia do bate-papo os meninos disseram: 'Eu te invejo. Você é muito esforçado!' Então trouxe para os meninos essa ideia de uma pessoa que já viveu muita coisa, que tem uma história de vida, e pôde dizer: 'Olha o tanto de coisa que eu já fiz. Construí!'. Então foi bem legal.

Se as manifestações sobre a importância da experiência vivida evidenciam o valor atribuído às trocas intergeracionais, as razões variam, como se pode ver nos exemplos acima. Alguns educandos, por exemplo, ressaltam aspectos cognitivos (a importância de “aprender sobre o passado deles”); outros chamam a atenção também para a dimensão relacional da aprendizagem (“aprender com eles”). Muitos idosos ressaltam a dimensão afetiva (“Foi muito emocionante, gostei muito daquele trabalho. Se fosse para repetir, eu repetia tudo de novo”), sem deixar de mencionar a cognitiva (“... às vezes, nós ensinamos algumas coisas, mas

também aprendemos com eles)”, explicitada, muitas vezes, não só em sua dimensão de “transmissão de geração a geração”, mas também de diálogo intergeracional.

O reconhecimento da importância das trocas ocorridas não significa, no entanto, ausência de distância crítica quanto às dificuldades e aos problemas que se colocaram no percurso ou que são inerentes aos processos relacionais em geral: “A experiência com os adolescentes foi bem, só que tem horas que eles falam muito. É que começou a falar muito eu fico de cabeça ruim. Eu gosto de um pouquinho mais do silêncio”, afirma uma idosa, sem deixar de considerar a importância dos encontros. Da mesma forma, as educadoras, em vários momentos, referem-se às dificuldades. Uma delas diz, por exemplo: no “momento dos encontros que eu via que a turma estava daquele jeito, e o que eu tinha que fazer para deixar, para acalmá-los para começar o encontro. Ou, ao contrário, a turma estava tranquila, e eu abria a porta e não tinha ninguém (em referência à falta dos idosos no dia marcado).”

Ainda nesse mesmo sentido, crianças e educadores manifestaram certa frustração com a ausência da idosa que estava inicialmente agendada para participar do encontro. Se a frustração não os impede de se alegrar com a vinda de um “substituto” que surpreende a todos e, especialmente às crianças, com a qualidade de seus relatos e a vivacidade de sua personalidade, a ausência, por outro lado, não deixa de ser sentida, uma vez que havia sido preparada pelos educadores do NEC, com os trabalhos de leitura prévia dos depoimentos que a pesquisadora havia coletado na residência da idosa. Assim, um menino, pertencente ao grupo que receberia a idosa, manifestou-se nos seguintes termos: “eu gostei que o Seu S. veio no lugar da Dona A., mas eu tive pena que a Dona A. não veio. Eu gostei “das nossas cobras” (de que ele falou).”

Ressalta-se, nesse sentido, o preparo das educadoras diante, especialmente, das situações inesperadas, como esta: “Então sempre tinha que ter um plano na manga, um plano b. Mas foi ajustado, assim, tinha coisa que era inesperada, eu tinha que pensar naquele exato momento, de que de alguma forma eu tinha que sair daquela situação. Então, eu hoje tenho outra visão, até de estratégias, você aprende.” Tal fato parece indicar não apenas o domínio de estratégias para lidar com a incerteza, mas também, comprometimento, envolvimento e importância dados ao trabalho. Em suma, reafirma-se o valor das trocas intergeracionais, entendendo-as como processo vivo, sujeito a idas e vindas, a errâncias que afetam todo o contexto em que ocorrem, permeáveis às condições que as envolvem, mas fundamentais nas percepções dos mais diferentes participantes.

Se os depoimentos de idosos, crianças, jovens e educadores fornecem evidências bastante seguras quanto à importância das trocas intergeracionais para o grupo, também,

apontam outros aspectos implicados na qualificação dos processos de construção de conhecimento e cultura.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto “Memória de Paraisópolis”, por meio de oficinas e ações intergeracionais, promoveu a interrupção no fluxo cotidiano de membros de diferentes faixas etárias da comunidade de Paraisópolis e do PECP (Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis). Tal suspensão nas dinâmicas cotidianas habituais trouxe a possibilidade de emergência e de recriação de uma corrente de saberes e fazeres que constitui, apoia e confere identidade aos sujeitos, que não pode ser reduzida apenas a um fluxo contínuo de estímulos sógnicos.

Assim, idosos, crianças, adolescentes, jovens e a equipe de educadoras e profissionais que atuam no PECP, foram convidados a participar e a refletir sobre saberes e fazeres que expressam sua vinculação ao espaço local, mas que se articulam ao global. As temáticas e as abordagens iam sempre nesse sentido de estabelecimento de conexões entre o universal, o local e o regional.

Dentre os vários sujeitos envolvidos na proposta, encontravam-se tanto aqueles em processo de distanciamento acelerado rumo ao esquecimento de vivências em Paraisópolis, quanto sujeitos com o caminhar mais lento, com desejos de preservar cada instante, mesmo se na esfera do íntimo ou do privado. No entanto, uma vez reunidos, colocados em relações de trocas, de intercâmbios discursivos dinâmicos e vivos, narradores e ouvintes começaram a formar um quadro bastante diferente daquele observado antes dos trabalhos da tese. Ao se relacionarem em interlocuções intensas e profundas, a maioria dos participantes pôde ver sua flor ascendente irromper o asfalto: a experiência jorrava, mesmo se, de início, por meio de narrativas balbuciantes.

A etapa inicial de trabalho com os idosos foi marcada por dúvidas e estranhamentos. Afinal, o que significava uma pesquisadora da universidade e do PECP visitando suas casas? A chegada dos desconhecidos representava interrupção e quebra do cotidiano e de demandas cotidianas, quase sempre pesadas: os problemas de saúde precisavam de encaminhamentos urgentes e difíceis, a situação dos membros das famílias não é fácil; há dificuldades financeiras, relacionamentos pessoais a serem ajustados, problemas no trabalho... Difícil deixar o espaço da casa e sair para participar de outros circuitos que, além de tudo, eram desconhecidos.

Crianças e adolescentes, por sua vez, foram convidados a iniciar a reflexão sobre a experiência e seus vínculos com a comunidade e sua história, a partir da participação cotidiana nos grupos do Núcleo de Educação. Aceita a proposta, foram utilizadas diferentes estratégias, objetivando prepará-los para a escuta do outro e a verbalização de seus saberes e fazeres. Ao inserir os participantes em relações de troca e de diálogo, no contexto das oficinas intergeracionais, puderam, assim, entrar em contato com tempos pessoais distantes e muitas vezes soterrados pelas demandas do dia a dia, ingressando em um circuito de experiências que permitiu, pouco a pouco, a vinculação de suas próprias vivências às da comunidade, no passado e no presente.

A construção desse território discursivo comum, como se viu nos relatos apresentados anteriormente, foi possibilitada pelos atos de mediação empreendidos ao longo de todo o processo e pela intervenção dos mediadores (equipe do Núcleo de Educação e pesquisadora) na busca por um espaço discursivo capaz de acolher a todos, entendendo que era preciso dar condições para as trocas intergeracionais, com a redução das distâncias que ultrapassavam questões etárias. Tendo nas narrativas da experiência o seu elemento estruturador, mostrando que a experiência, quando partilhada, estabelece vínculos que extrapolam a dimensão funcional, alcançando afetos, emoções, sentimentos, que mobilizam o ser humano em sua completude, os encontros intergeracionais, devidamente preparados e conduzidos por mediadores envolvidos e capazes, abriram, desde o início, um campo de interesse e de favorecimento das trocas, contando com a adesão dos grupos de crianças, adolescentes e jovens que participam das atividades do Núcleo de Educação.

Tanto a adesão mais imediata às propostas do trabalho, como as mais lentas e reservadas, obrigaram, contudo, que o grupo - e a pesquisadora - explorasse e “escavasse”, de forma processual e contínua, os territórios sedimentados onde encontravam-se os indícios da experiência. Assim, depois de longos e cuidadosos trabalhos de escavação, os primeiros sinais dispersos da experiência dos participantes começaram a emergir, sendo possível reuni-los em um mesmo espaço, colocando-os em relação de troca de saberes e fazeres, com a construção de tramas em certos aspectos semelhantes “às comunidades de vida”, mencionadas por Benjamin (1994) e que levam os adolescentes C e R, quando questionados sobre os sentidos e significados das oficinas intergeracionais, a afirmarem: “A história e a memória são importantes.”

Nosso percurso indica que, tomada como categoria relacional e dialógica, a experiência é capaz de aflorar, indicando caminhos e sentidos, mesmo em contextos bastante contraditórios como o de Paraisópolis. Criadas condições para tal emergência, como

ocorreram com as oficinas intergeracionais, os sujeitos também emergem como criadores de conhecimento e cultura, ou seja, como narradores e ouvintes privilegiados, inscritos em comunidades de sentidos construídos social e coletivamente.

Nessa perspectiva, narrar e ouvir são atos ativos e afirmativos de construção e reconstrução permanentes de experiências, atos dinâmicos de negociação de signos em busca compartilhada de sentidos, jogo contínuo entre o atual e o permanente, o constante e o inconstante, a informação e a memória. A experiência é, assim, esse espaço “entre”, esse terceiro que humaniza e vincula os sujeitos, o conhecimento e a cultura.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2008.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária: Salamandra; São Paulo: EDUSP, 1972. 340 p.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, volume I).

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, volume I).

BENJAMIN, W. Escavando e recordando. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, volume II).

DESGAGNÉ, S. et al. L’approche collaborative de recherche en education: un rapport nouveau à établir entre recherche et formation. **Revue des Sciences de l’Éducation**, v. 27, n. 1, p. 33-64, 2001.

FARIA, I. P. **Estação Memória**: lembrar como projeto – contribuição ao estudo do conceito de mediação cultural. 1999. 177f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, ECA/USP -. São Paulo, 1999.

GAGNEBIN, J. M. **História, narração em W. Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GAGNEBIN, J. M. Prefácio: Walter Benjamin ou a História Aberta. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 7-19. (Obras Escolhidas 1).

JEANNERET, Y. Information. In: SOUYRI, Catherine; L, Commission Nationale Française Pour. **La société de la information**: Glossaire critique. Paris: La Documentation Française,

2005. p. 0. Disponível em: <ensmp.net/pdf/2005/glossaire/dispositif.doc>. Acesso em: 15 out. 2011.

PERAYA, D. Médiation et médiatisation: le campus virtuel. **Hermès: Cognition, Communication, Politique**, Paris, n. 25, p. 153-167, 1999.

PERROTTI, E. A aventura de conhecer: proposta pedagógica. **Boletim Salto para o Futuro**, v. 18, p. 3-13, 2008

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In : LARA, M.L.G, FUJINO, A. NORONHA, D.P. (org.) **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 46-97.

PIERUCCINI, I. ; PERROTTI, E. Memória, experiência e informação: a Estação Memória. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 11º, Rio de Janeiro. **Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Ancib; Fiocruz: Ancib; Fiocruz, 2010. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibXI/paper/view/533/96>>. Acesso em: 05/04/2013.

ROUANET, S. P. Por que o moderno envelhece tão rápido? Concepção da modernidade em Walter Benjamin. In: **Revista Usp**. São Paulo, n.15,p.110-117, 1992

VIRILIO, P. **Velocidade e Política**. São Paulo: Estação Liberdade,1996.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

WITTE, B. Por que o moderno envelhece tão rápido? concepção de modernidade em Walter Benjamin In: **Revista Usp**. São Paulo, n.15,p.103-110, 1992.